

Professora Doutora Malvina Tuttman

Magnífica Reitora da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Professor Doutor William Campos

Ilustre Representante do Ministério da Educação

Senhores Reitores, Senhora e Senhor Vice-Reitores

Dr. Airton Young

Coordenador no Brasil do Grupo de Tordesilhas

Demais Autoridades Académicas, Civis, e Militares Militares

Senhores Professores

Caros Estudantes

Senhores Técnicos Administrativos

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Foi com prazer e emoção que recebi da Reitora Malvina Tuttman o convite para proferir a lição inaugural do segundo semestre do curso lectivo de 2005 da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Esse convite, que agradeço e que muito me honra aceitar, dá-me hoje a oportunidade de me dirigir pela primeira vez, como Reitor da Universidade de Coimbra, a uma distintíssima plateia de académicos brasileiros e de renovar, no limite das minhas capacidades, os profundos laços de amizade que caracterizam as relações entre a minha Universidade e o Brasil.

Acontece esta cerimónia no ano em que se comemorou o 505º aniversário do achamento do Brasil por Pedro Álvares Cabral, num momento que marcou o início de um processo de aproximação entre três continentes, de uma aventura de mestiçagem racial, linguística e cultural com uma profundidade e escala como a não conhecemos em mais nenhum lugar do mundo.

E nem fará sentido, a não ser por interesse meramente académico, saber se Duarte Pacheco Pereira já teria estabelecido um primeiro contacto em 1498. Ou se outras armadas, por cá teriam passado ainda antes. E se, portanto, quando a 22 de Abril de 1500 vislumbrou “um monte muito alto e redondo”, a que chamou *Monte Pascoal*, a frota de Cabral terá efectivamente encontrado um território até aí desconhecido dos europeus ou intencionalmente ido ao encontro de uma costa já conhecida, para “oficializar” apenas o seu descobrimento. Costuma dizer-se que em política, o que parece, é. Neste caso, o que quiseram que parecesse os Reis D. João II e D. Manuel, foi. Para todos os efeitos práticos, esse foi o

momento em que se deu a conhecer ao resto do mundo a existência de um extenso território a ocidente do Atlântico Sul, cuja costa foi reconhecida numa enorme extensão de 3600 Km logo em 1501, cuja exploração continental sistemática surgiu em 1530 com a expedição de Martim Afonso de Sousa. A Terra de Vera Cruz foi definitivamente considerada como importante assunto da coroa a partir de 1548, com a instituição de um governo-geral e a nomeação de Tomé de Sousa como primeiro governador do Brasil.

Por pouco original que seja esta enumeração de datas e de lugares-comuns, a verdade é que são estes os acontecimentos que iniciam a série de episódios históricos pelos quais se explica a indizível emoção que experimentamos ao desembarcar no Brasil, ao descobrir um sítio de onde verdadeiramente nunca saímos, ao encontrar, nas pessoas, amigos que apenas ainda não conhecíamos. Pois se é verdade que prevalece em muitos brasileiros o sentimento nostálgico por um lugar qualquer no Portugal profundo de onde provieram os seus antepassados, e que apenas conhecem de nunca lá ter estado, saudade do que não viveram, não é menos certo que um sentimento oposto, mas semelhante, de saudade do que não hão-se viver, de promessa cumprida só pela metade e permanentemente adiada, acompanha os portugueses em relação ao Brasil. No muito que temos hoje para dar e para receber, vai sendo tempo de fechar o ciclo. Ao descobrimento do Brasil pelos portugueses no início do século dezasseis seguiu-se, no final do século vinte, o descobrimento de Portugal pelos brasileiros. Feita a paz com a História, existem condições para uma nova era de cooperação. Conhecemo-nos e amamo-nos como só os irmãos se

conhecem e amam. Sabemos cada um do outro as principais características. De ninguém temos monopólio, mas é avisado que retiramos ambos partido deste conhecimento e desta cumplicidade. É, em todo o caso, como explicaria, se necessário fosse, porque aqui me trouxe o que aqui me traz.

Minhas senhoras e meus senhores:

Quando iniciei a aventura de preparar a Universidade de Coimbra para o embate sempre difícil de um novo ciclo de desenvolvimento, de a consolidar na viragem do século e de acrescentar com dignidade amarras de futuro aos setecentos e quinze anos da sua história, baseei o meu programa de candidatura na ideia da abertura à cidade e ao mundo. Fazendo-se instituição cidadã, participativa e interventiva nos assuntos da *polis*, a Universidade de Coimbra está apenas a cumprir os desígnios da sua História. Está igualmente a interpretar o conceito a que tenho chamado *Univer[sc]idade*, escrita simultaneamente com *s* de sabedoria e com *c* de cidadania, porque é na ligação entre o saber e o mundo que se deve entender hoje a prossecução dos objectivos e da missão da instituição universitária.

A instituição que me orgulho de representar alicerça os seus projectos actuais na enorme projecção nacional e internacional conferida pela sua longevidade e acção determinante em ocasiões-chave do desenvolvimento do País e do Império, que lhe moldaram o carácter e lhe alargaram a influência e o prestígio. Muitas dessas estórias têm a ver directamente com o Brasil.

Com efeito, não é difícil aceitar que os desafios abertos pela exploração do Brasil, e nomeadamente a necessidade de mão-de-obra qualificada que essa exploração requeria, tenham constituído os motivos reais que determinaram a decisão política de introduzir profundas reformas no ensino até então baseado, com poucas exceções, na escolástica e nos livros. O confronto dos portugueses com o imenso território brasileiro, com uma fauna e flora exuberantes e em boa parte desconhecidas e com fenómenos novos que tiveram que dominar, tornou-os conscientes da imperiosa necessidade de aceder ao conhecimento das leis da Natureza e de, para tal, recorrer à chamada abordagem experimental. A erudição retórica pode ser capaz de inflamar as almas mas dificilmente servirá para cuidar dos corpos, para agir sobre as coisas e para desbravar continentes.

É, portanto, sintomática, a coincidência histórica entre um dos períodos de mais intensa exploração geográfica e colonial do Brasil, sob a égide de Pombal, e a profunda alteração ao sistema de ensino operada em Coimbra na mesma época, que ficou genericamente conhecida como a Reforma Pombalina da Universidade e que constituiu, a par da laicização do ensino universitário e em complemento com ela, um momento de viragem com consequências importantes em todo o espaço de língua portuguesa. De uma visão misteriosa, metafísica, povoada de misticismo, de anjos que dividem a matéria, de matéria que tem horror ao vazio, em parte cristalizada nas várias criações do mundo inscritas nos textos religiosos, vemos desenvolver-se, contrapondo-se-lhe, uma atitude racionalista, experimental e quantitativa que vai revolucionar a nossa visão da natureza, ao longo do

Século XVIII e até aos nossos dias. São desse período a criação em Coimbra do Gabinete de Física, do Jardim Botânico, do Observatório Astronómico, do Laboratório Chimico, da Faculdade de Filosofia Natural, do Museu de História Natural, do Teatro Anatómico.

E é nesta Universidade que vêm obter formação, desde o início da colonização mas sobretudo a partir do século XVIII, sucessivas gerações de jovens nascidos no Brasil, proporcionando a consolidação de uma elite de intelectuais, cientistas e técnicos que desempenhou um papel importante no conhecimento, formação e desenvolvimento da grande nação brasileira.

Refiro figuras como **Alexandre Rodrigues Ferreira**, o maior naturalista português, natural da Baía e Professor da Universidade de Coimbra, que percorreu a bacia do Amazonas durante uma década, estudando animais, plantas, minerais e artefactos representativos da cultura material de vários grupos de índios, alguns já desaparecidos.

Como precursor da época das luzes, menciono o **Padre Bartolomeu de Gusmão**, nascido em Santos. O seu interesse pela física levou-o a tentar construir um aparelho que elevasse o homem no ar, permitindo-lhe superar os efeitos da gravidade. No dia 8 de Agosto de 1709, perante a assistência dos Reis de Portugal e do Núncio Apostólico, fez elevar a sua *passarola* aprisionando ar quente no seu interior.

De Santos, refiro ainda **José Bonifácio de Andrada e Silva**, diplomado por Coimbra em Filosofia Natural e em Direito, depois Professor da

Universidade de Coimbra onde dirigiu o então recém-criado Laboratório Chímico, Patriarca da independência do Brasil, Primeiro-Ministro, tutor do Imperador, autor de alguns dos mais importantes documentos da história do Brasil e por muitos considerado a mais relevante personalidade da sua História.

Coimbra é igualmente a terra em que viveu e se formou o **Padre António Vieira**, figura iluminada do século XVII, orador insigne, diplomata, humanista, missionário jesuíta, crítico implacável da opulência e do egoísmo dos poderosos, admirável defensor dos direitos dos índios, brasileiro *avant la lettre*, julgado e condenado pelo Tribunal do Santo Ofício.

Como se o presente teimasse em se entrelaçar com o passado, o Colégio de Jesus, a “casa” do Padre António Vieira em Coimbra, é neste momento a sede dos núcleos museológicos que albergam, na sua maior parte, as peças recentemente apresentadas na Pinacoteca de S. Paulo, no âmbito da exposição “**Laboratório do Mundo – Ideias e Saberes do Século XVIII**”, que a Universidade de Coimbra co-organizou no quadro das comemorações dos quatrocentos e cinquenta anos da fundação daquela cidade, procurando igualmente contribuir para uma melhor compreensão do espírito de uma época que moldou, de forma indelével, a estrutura universitária e que consagrou a Universidade como pilar fundamental de uma sociedade moderna.

Em S. Paulo nasceu **D. Francisco de Lemos**, único Reitor brasileiro da Universidade de Coimbra, que viria a protagonizar o mais longo e um dos mais profícuos reitorados da sua história, tendo acompanhado e aplicado as reformas pombalinas da segunda metade do século XVIII que substituíram a escolástica pela ciência de índole experimental.

Coimbra e o Brasil no labirinto das suas cumplicidades. Que dizer da visita que o Imperador **D. Pedro II** do Brasil fez a Coimbra e à sua Universidade? Chegando de comboio pouco antes das nove da manhã do dia 4 de Março de 1872, assistiu a um Doutoramento na Sala Grande dos Actos a partir das onze. Pediu que o levassem à rua de Quebra-Costas, que queria conhecer por nela lhe terem muitas vezes falado dois dos seus antigos preceptores, formados na Universidade de Coimbra. Nesse mesmo dia, iria ainda visitar a Sé Velha, o Arco de Almedina, as ruínas do Convento de Santa Clara-a-Velha, a Quinta das Canas e a Lapa dos Esteios, a Igreja de Santa Cruz, a Associação dos Artistas, a Quinta das Lágrimas e a Fonte dos Amores, o Convento de Santa Clara-a-Nova, onde o túmulo da Rainha Santa foi aberto na sua presença. Depois do jantar no Hotel Mondego, onde se encontrava hospedado com a sua comitiva, houve ainda tempo para assistir a um espectáculo no Theatro Académico.

O dia seguinte, quis o Imperador dedicá-lo, por inteiro, à Universidade. No relato da *Viagem dos Imperadores do Brasil em Portugal*, da autoria de Corte Real, Silva Rocha e Simões de Castro, editado pela Imprensa da Universidade em 1872, pode ler-se que “às sete e meia almoçava

rapidamente, partindo para a universidade logo que ouviu tocar o sino das aulas, as quaes Sua Majestade havia manifestado ardente desejo de visitar”.

Às oito horas entrava na aula de História Eclesiástica. Dessa aula, passou Sua Majestade às de Theologia Dogmática Especial, de Hermenêutica Sagrada, de Physiologia Especial e Hygiene privada, de Direito Natural, de Medicina Operatória, de Higiene Pública, de Química Inorgânica, de Mecânica Celeste. Entre estas aulas a que assistiu, teve ainda ocasião e interesse para visitar a Biblioteca, o Observatório Astronómico, o dispensário farmacêutico, o teatro anatómico, os gabinetes de anatomia normal e patológica, de histologia, de microscopia e fisiologia experimental, de química médica e de história natural médica, todos da Faculdade de Medicina. Destes estabelecimentos, passou o Imperador aos da Faculdade de Filosofia, começando pelo Gabinete de Física, o Museu de História Natural, o Laboratório Chimico, o Jardim Botânico e o Observatório Meteorológico.

Fossem hoje os nossos estudantes tão diligentes e trabalhadores, fizessem eles numa semana o que fez num só dia o Imperador do Brasil em 1872 e teríamos, sem dúvida, os melhores índices de aproveitamento escolar.

Se tão detalhada descrição faço desta visita, é porque entendo que ela tem um significado profundo para a compreensão da origem e da história das relações de grande proximidade entre o Brasil e a Universidade de Coimbra. Que motivos podem ter determinado a decisão do Imperador Pedro II, único filho varão de D. Pedro IV de Portugal (Imperador D. Pedro

I do Brasil), no auge da sua carreira política, com 47 anos, mais 13 do que o seu sobrinho D. Luís, então Rei de Portugal, a dedicar à Universidade de Coimbra, que visitou demoradamente, um dia da sua viagem a Portugal e à Europa; a querer assistir a aulas de todas as disciplinas; a respeitar o toque do sino para aproveitar desde cedo a companhia de mestres e de alunos.

O relevo que foi dado à Universidade de Coimbra no contexto desta visita justifica-se pelo inquestionável prestígio cultural e científico que a instituição ocupava no imaginário dos brasileiros do século XIX, e sem dúvida ainda ocupa, por ter sido lugar de passagem e de formação de alguns dos maiores construtores do novo império nascente, a começar pelos preceptores do próprio imperador, capazes de lhe proporcionar uma formação vasta e actualizada que o autorizava a discutir, como é sabido, com os maiores especialistas.

É este mesmo prestígio que leva a que os Reitores da Universidade da Bahia, da Universidade do Recife, da Universidade do Brasil, da Universidade Católica do Rio de Janeiro, da Universidade Católica do Rio Grande do Sul, da Universidade de S. Paulo, da Universidade Mackenzie, da Universidade de Minas Gerais, da Universidade do Paraná, da Universidade Católica de S. Paulo, da Universidade Católica de Pernambuco, da Universidade Rural do Brasil e da Universidade Rural de Minas Gerais, reunidos em S. Paulo a 24 de Abril de 1952, tenham emitido e assinado um documento que ciosamente guardamos na nossa Biblioteca Geral, no qual se pode ler:

Nós, Reitores das Universidades Brasileiras, reunidos em S. Paulo para estudar o projecto de bases e directrizes da Educação Nacional, saudamos reverentemente a Universidade de Coimbra, Alma Mater do Ensino Superior do Brasil.

Como não ficar comovido perante uma tal prova de respeito e de afeição?

A própria unidade geográfica e política de um País com a dimensão do Brasil que a menos de alguns episódios isolados e sem real significado, nunca foi posta em causa ao longo da História, enquanto à sua volta se foram individualizando em sucessivas ondas de autodeterminação, Estados independentes bastante mais confinados geograficamente, tem sido, aliás, em parte explicada, por essa matriz cultural única, essa séde única de saber e de conhecimento que se ramifica por todo o mundo como um dos instrumentos do Império a partir de uma origem conhecida e reconhecida: a Universidade de Coimbra.

E se é este o sentido do que o passado nos lega, será este o sentido que queremos dar ao nosso futuro. Orgulhamo-nos de manter em Coimbra a maior comunidade académica brasileira em Portugal. O mestrado e vários cursos de pós-graduação em Direito, p.e., chegam a ser frequentados por maior número de estudantes brasileiros do que portugueses. Idêntico nível de procura pode ser encontrado em Economia e em Desporto mas a cooperação abrange todas as Faculdades da Universidade de Coimbra. Recebemos e enviamos estudantes de graduação, mestrado e doutoramento. Participamos em regime de reciprocidade em diversos programas de pós-

graduação. Contamos com a colaboração de reconhecidos especialistas brasileiros em diversas áreas do saber. Alguns dos nossos Professores são regularmente convidados para participar em actividades universitárias ou de avaliação universitária no Brasil.

Tudo estaria bem se não quiséssemos mais. E não resulta esta vontade de uma ambição sem limites ou de um capricho de Reitor, mas da constatação de que existem condições objectivas, instalações e recursos, que permitiriam aumentar os níveis de cooperação, desejo subjectivo de o fazer e razões de natureza estratégica que nos levam a pensar que teríamos vantagens, portuguesas e brasileiros, se o fizéssemos.

Hoje, a Universidade de Coimbra tem em funcionamento 60 Cursos de Licenciatura, 120 Cursos de Mestrado, 110 Cursos de Especialização ou de Pós-Graduação e 260 Especialidades de Doutoramento. Forma anualmente cerca de 2400 licenciados e cerca de 120 novos doutores.

As actividades de extensão universitária decorrem da celebração de contratos de investigação científica e de prestação de serviços especializados com cerca de 1200 instituições, públicas e privadas, centenas de empresas de todas as dimensões, nacionais e estrangeiras, 230 municípios, dezenas de Hospitais, dezenas de Tribunais, dezenas de Escolas de todos os graus de ensino. Estes contratos representam, no seu conjunto, um volume de negócios de cerca de 40% da componente do Orçamento transferida pelo Estado para formação e mobilizam cerca de centena e meia de unidades especializadas, das quais 46 são unidades de

investigação avaliadas por júris independentes no âmbito da Fundação para a Ciência e Tecnologia. Nelas trabalham para cima de 1600 docentes e investigadores doutorados e 65% dessas unidades (30 no total) obtêm as mais elevadas classificações: excelente ou muito bom.

Cerca de 16% dos estudantes da Universidade de Coimbra nasceram no estrangeiro. Provêm de 56 países espalhados pelos cinco continentes, com maior relevância para os países da CPLP (cerca de um milhar no seu conjunto) e da União Europeia. Esta intensa internacionalização decorre de acordos ou protocolos de colaboração que a Universidade de Coimbra mantém com cerca de 400 Universidades de todo o mundo. Estes números conferem-nos o estatuto de mais internacional das Universidades portuguesas.

A aproximação entre as Universidades, a partilha de experiências e a participação em projectos comuns, o reforço do entendimento, a consolidação de estratégias e orientações consensualizadas é a melhor resposta que poderemos dar a um ambiente que parece não valorizar a função social que desempenhamos, no entanto cada vez mais importante, e a única que nos permitirá resistir ao novo paradigma de concorrência que se procura instalar, a abrir caminho à mercantilização do ensino superior, ao *marchandising* da educação, ao hipermercado do conhecimento, à invasão da cultura dos outros e ao esmagamento da nossa.

Única, no passado, em todo o espaço do antigo Império, a Universidade de Coimbra orgulha-se de ter contribuído, directa ou indirectamente, para a

criação e desenvolvimento de todas as outras universidades portuguesas, para a democratização do saber, e portanto, para a difusão dos centros de poder. Hoje, o sistema de ensino superior público português é constituído por quinze Universidades e dezoito Politécnicos, valores que não podem impressionar, em absoluto, os brasileiros, a menos que multiplicados pelo factor de escala de 18, tal é a relação entre a população dos dois Países. Cerca de 350 000 jovens portugueses frequentam neste momento uma instituição de ensino superior, valor que representa 3.5% da população e um aumento de dez vezes relativamente ao início da década de setenta do século passado. Esta massificação do acesso ao ensino superior, de que nos orgulhamos, decidida ainda antes da Revolução de 1974 mas em boa medida concretizada por ela, está ainda longe de corresponder às necessidades do País. Com efeito, a percentagem de população activa habilitada com um curso superior é, em Portugal, de cerca de 9%, valor bastante inferior ao da média da União Europeia, que é de 23%, e muito abaixo do do País com o mais elevado índice de crescimento económico e social dos últimos vinte anos, a Irlanda, com 39%.

Esta ligação entre nível habilitacional médio e desenvolvimento, a importância da formação e da investigação científica como componentes essenciais de uma política de desenvolvimento económico e social baseada na inovação e na competitividade foi reconhecida pela adopção da chamada Agenda de Lisboa, que visa aumentar o investimento europeu em Investigação e Desenvolvimento até atingir em 2010 o valor de 3% do PIB, contra os actuais 1.6% na média europeia, ou 0.9% em Portugal. Estes valores tornam patente o desafio que a decisão comporta e a distância que

por vezes existe entre o discurso e a realidade. Mesmo se demasiado ambiciosa, ela vale sem dúvida pela justeza da orientação seguida e pela consciencialização da importância social da ciência e da investigação científica.

Neste mesmo contexto, toda a Europa está hoje mobilizada, como é sabido, para a concretização do chamado Espaço Europeu do Ensino Superior, que visa criar condições para aumentar a mobilidade estudantil e favorecer, a prazo, a formação de cidadãos com uma forte componente cultural transnacional europeia. A partida joga-se, neste momento, na definição do justo equilíbrio entre a necessidade de preservar a diversidade de modelos e de formações, reconhecida como um valor europeu em si mesma, e a forte tendência para apenas replicar a experiência dos países económica e culturalmente mais fortes. Entre a *harmonização* de sistemas, formulação adoptada no discurso oficial no âmbito do chamado processo de Bolonha, e a *uniformização*, para a qual se resvala com demasiada facilidade, seja pela necessidade de modificar uma realidade reconhecidamente insatisfatória, seja simplesmente para obedecer à lei do menor esforço, importando mecanicamente modelos de outros países.

E é no âmbito desta realidade mais abrangente e mais vasta, que a Universidade de Coimbra desenvolve a sua política de internacionalização. Pela importância que pode assumir na aproximação com o Brasil, referirei, em particular, o Grupo de Tordesilhas, o qual saúdo nas pessoas da Professora Doutora Cristina Robalo Cordeiro e do Dr. Airton Young, coordenadores do Grupo dos lados português e brasileiro, respectivamente,

no âmbito do qual várias Universidades portuguesas, espanholas e brasileiras se procuram articular para desenvolver experiências de interacção inter-universitária. À mais recente Assembleia Geral do Grupo, realizada em Florianópolis em Abril de 2004 a convite da Universidade Federal de Santa Catarina, seguir-se-á a Assembleia Geral de Lisboa, organizada pela Universidade Técnica de Lisboa em Outubro de 2005. Vários projectos serão passados em revista, de entre os quais, seguramente, alguns da Universidade de Coimbra.

É o que cada um tem para ensinar e o muito que tem a aprender com a experiência dos outros que permitem perspectivar uma nova era de cooperação e de entendimento mutuamente vantajosos entre Países e entre Universidades. Após os contactos que desenvolvemos nestes últimos dias com os responsáveis da UNIRIO e da PUC do Rio de Janeiro, e em particular com a Reitora Malvina Tuttman e com o Reitor Ortal Sanchez, a Universidade de Coimbra tomou a iniciativa de organizar amanhã, em Belo Horizonte, com a colaboração da Universidade Federal de Minas Gerais, mais uma reunião prospectiva com outras Universidades Brasileiras que mantêm connosco actividades regulares de colaboração nas esferas da formação e da investigação científica. A intenção é de transformar um conjunto de experiências meritórias mas desgarradas, que envolvem poucas centenas de estudantes brasileiros em Coimbra e poucas dezenas de estudantes de Coimbra no Brasil, num Programa de Cooperação consistente e sustentado, que permita enquadrar um número significativamente maior de estudantes em mobilidade. Recorrendo ao patrocínio de empresas com actividade nos dois países, estamos a incentivar a realização de

doutoramentos em co-tutela transatlântica. Criámos recentemente, com Receitas Próprias da Universidade, um Fundo de Mobilidade que permitirá a um número considerável de estudantes de graduação da Universidade de Coimbra, efectuar uma estadia de alguns meses numa Universidade brasileira. Num total de 71 estudantes que beneficiarão, já no próximo ano lectivo, desta mobilidade, apraz-me registar que 7 serão recebidos pela UNIRIO. Por outro lado, temos insistido junto do nosso Ministério para que crie linhas de financiamento que tornem possível a formação em Portugal de um número mais significativo de estudantes brasileiros. Sabemos que eles estão disponíveis para vir.

Porque virão encontrar nomes como os de Aníbal Pinto de Castro ou de Manuel Lopes Porto, como o de Maria Helena da Rocha Pereira ou de António Avelãs Nunes, de Marques de Sá ou de Vital Moreira, de Manuel Antunes ou de Jorge Figueiredo Dias, de Boaventura Sousa Santos ou de Joaquim Gomes Canotilho, que perpetuam hoje o prestígio da Universidade de Coimbra no Brasil e no mundo. São eles e muitos outros os agentes das várias colaborações em que estamos envolvidos e dos diversos projectos de investigação em que somos parceiros.

Senhoras e Senhores,

Inúmeros episódios da secular história de Coimbra e da sua Universidade se cruzam com o desenvolvimento, emancipação e progresso do Brasil e são por sua vez influenciados pela intervenção de homens e mulheres brasileiros e pela cultura brasileira. O nosso imaginário colectivo tem um

recanto em comum. Homens e mulheres a tecer destinos, portugueses e brasileiros em andanças e desandanças do tempo, hoje decantadas em História, em memória e em lenda. De certa forma, a Universidade que represento não é só de Coimbra, nem apenas de Portugal. É a Universidade de todos os que se sentem irmanadas por esta nossa língua, é a matriz cultural do espaço da lusofonia. Esta é, justamente, a ideia central do projecto de candidatura da Universidade de Coimbra a património da Humanidade, cuja apresentação pública decorreu no passado dia 29 de Abril, na Biblioteca Joanina da Universidade e para cuja concretização pretendo solicitar o apoio das Universidades brasileiras mais prestigiadas.

Do tempo, que todos os iletrados sabem o que é, mas nenhum dos maiores cientistas que a Humanidade gerou até hoje conseguiu ainda definir com precisão, dessa grandeza que medimos mas cujo significado profundo nos escapa, do tempo se costuma dizer que transforma futuro em passado. Seguindo este conceito, a nossa missão não é das menos ambiciosas, porquanto consiste em construir uma máquina que permita inverter o fluir do tempo, transformando passado em futuro.

Com esta máquina poderosa, com este instrumento de inversão do fluir tempo, os binóculos do anti-tempo, olhamos para trás, para o passado que nos orgulha, e o que vemos é o nosso futuro, numa nova onda de colaboração interinstitucional entre as Universidades brasileiras e as Universidades portuguesas, com professores e estudantes a deslocarem-se nos dois sentidos, a aproveitarem o que melhor existe de cada um dos lados.

Da época de Rodrigues Ferreira e do fabuloso universo dos índios Jurupixuna, Mauhé, Wapitxãna e Munduruku, já pouco subsiste para além de algumas peças em boa hora integradas nos nossos museus.

Das aulas de Teologia Dogmática a que D. Pedro II assistiu, apenas se ouvem ressonâncias vagas em recantos perdidos do nosso inconsciente.

De Andrada e Silva, que com o fogo da forja que levou das suas aulas de metalurgia em Coimbra ateou nos corações e nos espíritos brasileiros o gosto pela autodeterminação e pela liberdade, seremos dignos do seu sonho e das suas ilusões.

Nas asas de uma nova passarola, pré-garemos como Vieira aos peixes, palavras de justiça, de paz e de amizade.

Em meu nome pessoal e interpretando o pensamento de todos os universitários de Coimbra é esse, minhas senhoras e meus senhores, o compromisso que aqui deixo, perante vós e perante o mundo.

Rio de Janeiro, 18 de Agosto de 2005

Fernando Seabra Santos

Reitor da Universidade de Coimbra